

CLARA  
ALVES  
CONECTADAS

**SÉGUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

*À minha mãe,  
por todo o apoio incondicional que você sempre me deu!*

# Prólogo

RAÍSSA

Tudo começou quando eu tinha catorze anos.

Foi nessa idade que aprendi uma lição importante, que mudaria a minha vida para sempre: meninos são idiotas.

Sei que estou generalizando, mas, para a Raíssa de três anos atrás, essa constatação foi como ter passado a vida com uma TV analógica e, de repente, descobrir que existe um mundo cheio de televisões Full HD. A Raíssa de catorze anos passou a ver o mundo em alta definição.

Não que eu tivesse total consciência disso na época.

Era uma tarde cinzenta, às vésperas do primeiro dia do emprego novo do meu pai. Antes, ele trabalhava oferecendo consultoria de TI e tinha uns horários meio loucos e imprevisíveis, mas agora seria um homem de rotina e passaria a maior parte do tempo fora de casa. Não sei se ele estava muito feliz com isso, mas, como dizia, “o dinheiro precisava continuar entrando”.

No último dia de liberdade, meu pai me chamou em seu escritório. Assim que apareci na porta, o encontrei com um olhar sério, sentado à escrivaninha, um móvel todo planejado de madeira rústica e que parecia passar mais tempo com ele do que a própria família.

— Acho que está na hora de termos aquela conversa — ele falou com seriedade enquanto fazia um gesto para eu me aproximar.

À sua frente estava a parafernália tecnológica que tanto idolatrava. O computador todo montado, peça por peça, com duas telas enormes e um teclado que brilhava. Meu pai era obcecado com isso e eu, como boa filha, era obcecada pela oportunidade de usar seu computador.

O que, infelizmente, nunca tive permissão para fazer.

Então, quando ele levantou e me colocou na cadeira acolchoada, senti que algo importante estava por vir.

— Acho que você já tem idade suficiente para entender a responsabilidade que é usar esse computador.

Em seguida, criou uma conta em meu nome e disse que eu poderia jogar ali quando ele estivesse trabalhando. Obviamente, não deixou de fazer um longo discurso sobre todos os cuidados que eu deveria ter com o seu precioso e me proibiu de entrar na sua conta e logar nos jogos mais violentos de que ele gostava.

E então abriu um programa.

Era um jogo recém-lançado da Nevasca Studios, uma das produtoras de games mais importantes do Brasil. Eu estava perturbando meu pai para me deixar jogar fazia tempo. E agora... estava finalmente acontecendo.

Meus olhos brilharam de emoção. Eu era cria do meu pai, afinal, então já passava a maior parte do meu tempo com joguinhos on-line, mas Feéricos era outro nível. Era um MMORPG, o que significava que pessoas do país inteiro podiam jogar juntas e interagir, cada uma interpretando um personagem.

Perdi horas montando meu avatar — uma fada de longos cabelos trançados, com um vestido maravilhoso de contas que escondia os mais

diversos apetrechos de que precisaria para lutar. Perdi dias explorando o mapa do jogo, fazendo as missões que podia terminar sozinha, apreciando o gráfico. Até que começaram a surgir as missões difíceis, aquelas que eu precisaria da ajuda de outros jogadores para completar.

Foi aí que descobri o machismo do mundo dos games.

Nessa época, aprendi que esse universo podia te acolher como nenhum outro, mas também podia te massacrar num piscar de olhos.

— Ô, pai! — berrei, correndo até a sala onde ele e minha mãe estavam sentados.

Os dois pararam no meio do caminho de um beijo e me encararam, assustados.

— O que foi, Raíssa? Aconteceu alguma coisa com o computador?  
— Os olhos do meu pai se arregalaram antes de ele receber um empurrão de leve da minha mãe.

Eu estava tão chateada que não pude evitar revirar os olhos.

— *Aconteceu alguma coisa com o computador?* — eu o imitei, sarcástica, o tom de voz praticamente idêntico ao seu. Levei as mãos à cabeça, uma mania que meu pai tinha quando estava desesperado. — *Ai, meu Deus! Meu precioso não!*

Minha mãe tentou conter a risada, mas o som escapou por entre seus lábios, atraindo o olhar carrancudo do meu pai.

— Tá bom, desculpa, já entendi o recado — disse ele, bufando irritado.

Desde criança sou muito boa em atuar. Minha habilidade em interpretar papéis acabou me levando a gostar muito de fazer cosplay, algo que meu pai, engenheiro de software, viciado em games e dublador frustrado, sempre apoiou muito. Mesmo quando o alvo das imitações era ele.

— Mas o que aconteceu, meu amor? — minha mãe perguntou, com um tom de voz mais calmo.

— Ninguém quer jogar comigo! Os meninos são uns idiotas!

Na época, nem registrei a expressão de culpa do meu pai, que já devia ter feito o mesmo com outras jogadoras.

— Ah, meu amor. Os meninos são mesmo uns idiotas — minha mãe disse, me puxando para um abraço. — Mas não precisa chorar por isso. Você vai mostrar o seu valor, tenho certeza. Nós acreditamos na sua capacidade. Agora, vamos parar e analisar: o que você pode fazer para mudar isso?

Minha mãe era pedagoga e trabalhava com crianças. Ela tinha muito jeito para a coisa. Na mesma hora, o choro cessou e uma luzinha se acendeu em minha mente.

— Valeu, mãe, você é demais! — Abracei seu pescoço e dei um beijo na sua bochecha antes de sair correndo de volta para o escritório.

Então refiz minha conta e criei um novo avatar e uma nova identidade.

[21/04 15:21] **aylastorm**: Alô, alguém por aí?

[21/04 15:21] **aylastorm**: Preciso de uma mãozinha numa missão aqui, se alguém puder ajudar

[21/04 15:22] **smbdouthere**: Oi! Posso ajudar

[21/04 15:22] **smbdouthere**: Me invita aí!

[21/04 15:22] **aylastorm**: Invita?

[21/04 15:23] **smbdouthere**: Convida kk você é nova no jogo?

[21/04 15:23] **aylastorm**: Sim! Desculpa, to aprendendo ainda as gírias

[21/04 15:24] **smbdouthere**: Relaxa haha logo você aprende

[21/04 15:53] **aylastorm**: Muito obrigada! De verdade!

[21/04 15:53] **aylastorm**: Tava difícil encontrar alguém por aqui pra me ajudar

[21/04 15:54] **smbdouthere**: Sério? Quer me adicionar? To sempre por aqui

[21/04 15:54] **aylastorm**: Jura? Seria o máximo, valeuuu

<<< **aylastorm** enviou um convite de amizade >>>

< Aceitar > < Recusar >

<<< Você e **aylastorm** agora estão conectados >>>

# 1

## RAÍSSA

— Ainda não atualizou aí, né? — perguntei, ansiosa, pelo que devia ser a milésima vez.

— Ainda não, garota — respondeu o Leo, meu melhor amigo, com a voz entediada. — Faltam duas horas.

Era incompreensível para mim como ele podia parecer tão desanimado às vésperas do lançamento da expansão de Feéricos. Tudo bem que o Leo não era tão fã do jogo, mas mesmo assim! A ansiedade estava me deixando elétrica, e eu não conseguia parar quieta. Talvez também tivesse a ver com as duas canecas cheias de café que tinha tomado.

O lançamento oficial ia acontecer exatamente à meia-noite. Era quarta-feira, então precisei me entupir de cafeína para me manter acordada. Eu levantava às seis todo dia para ir à escola e precisava de, no mínimo, sete horas de sono para funcionar bem. Estaria ferrada amanhã, disso já tinha plena consciência, mas era o preço a se pagar para explorar a atualização do jogo em primeira mão. E eu estava *muito* disposta a pagar.

Não seria a primeira vez.

— Eu sei, mas vai que dá um bug e você acaba tendo acesso à expansão antes de mim de novo? — perguntei, carrancuda, enquanto

monstros alados apareciam em meu campo de visão e eu dava cliques frenéticos no mouse e toques desesperados no teclado para meu elfo de pele negra e armadura brilhante começar a atacar.

Leo bufou do outro lado.

— Se isso acontecer vou te avisar.

Esse garoto era um insensível.

— Sei. — Um silêncio recaiu na linha, mas eu ainda podia ouvir o barulho incessante do teclado do Leo. — Atualizou?

— Tchou, Raíssa!

— Não, Leo, espera a... — Mas ele já tinha desligado.

Deixei minha cabeça pender para a frente, frustrada.

Eu sabia que estava sendo um pé no saco, mas a última atualização de Feéricos tinha sido uma confusão. Um problema técnico fez com que a expansão fosse liberada para alguns jogadores antes da hora, e o Leo tinha sido um dos filhos da mãe sortudos. Isso porque ele nem jogava Feéricos tanto assim! Não demorou muito até o pessoal da Nevasca Studios corrigir o erro e desativar o acesso, mas aí a merda já tinha sido feita, e eu tive que ouvir o Leo se gabar daquilo por meses. Agora ele estava fingindo indiferença, mas na época fazia questão de esfregar na minha cara em toda oportunidade que tivesse.

E olha, se vamos ser justos, o Leo só conhecia os jogos da Nevasca por *minha* causa. Eu que o apresentei àquele universo e foi assim que se viciou em Ataque das Máquinas, outro game da produtora. Ele devia me agradecer, isso sim.

Na falta de companhia, continuei algumas quests até ficar entediada. Um dos maiores problemas de mentir sobre a minha identidade é que havia poucas pessoas com quem pudesse conversar sobre o jogo, exceto os próprios jogadores — de quem eu não era lá muito próxima.

Só o Leo sabia da história completa e era o único amigo de verdade com que eu podia falar sobre *tudo*. Além disso, nada no jogo parecia tão empolgante quanto a perspectiva da nova expansão. Por isso, minimizei o programa e abri o YouTube para rever as prévias que a Nevasca tinha lançado.

Abri o vídeo de Brianna Van Brummer, uma das personagens principais daquela expansão, uma fada vingativa cuja família inteira tinha sido morta por humanos, e o revi umas cinco vezes, reproduzindo as falas já gravadas na minha mente e imitando sua voz e seus trejeitos. Eu ficava maravilhada com todos os personagens e prévias de Feéricos, mas as personagens femininas incompreendidas eram as que mais admirava. Talvez fosse justamente por me sentir como elas, menosprezadas pelos jogadores quando suas histórias eram obviamente as mais interessantes.

Estava prestes a colocar a cantiga feérica que tinham lançado no dia anterior quando uma ligação do Skype apareceu de repente na tela. O nome da Ayla quase gritou comigo na notificação, e meu estômago deu uma cambalhota.

Era sempre assim quando recebia uma chamada dela: tinha a mesma sensação de quando estava prestes a andar de avião. Não que eu já tivesse andado de avião muitas vezes. Da última vez, quando fomos visitar minha avó em Brasília, descobri que tinha desenvolvido pânico de voar. Fiquei tensa durante vários dias antes da viagem, a ponto de quase vomitar e desistir de tudo. Quando entrei no avião, pensei que ia morrer. Segui o voo inteiro agarrada à mão da minha mãe, suando frio, tremendo mais e mais a cada solavanco que a aeronave dava. Quando aterrissamos, minhas pernas ainda estavam bambas, mas não

importava mais, porque eu tinha chegado e estava feliz em rever minha avó e toda a minha família, e o nervosismo ficara para trás.

Era exatamente desse jeito que eu me sentia quando falava com a Ayla.

Toda vez que ela me ligava no Skype, eu quase tinha um treco. Mas depois que atendia e começávamos a conversar, a sensação ruim passava. Sabe quando você está tão ansiosa e animada para uma viagem que enfrenta todos os obstáculos para chegar até lá?

Ayla era o destino da viagem pela qual eu mais ansiava.

O que só tornava tudo o que eu estava fazendo ainda pior.

Respirei fundo, me preparando, e atendi a chamada.

— Fala aí — eu disse, engrossando a voz.

Quando comecei a jogar dizendo que era um menino, já tinha planejado criar uma personalidade. Ou melhor, sabia exatamente a pessoa que ia imitar. Não seria burra de me fingir de homem sem realmente ter como fingir. Depois de muito refletir, acabei decidindo que o melhor a fazer era me passar por alguém conhecido. Se um dia eu precisasse mostrar a cara, era bom ter uma saída para isso.

Foi aí que o Leo entrou.

Na época a ideia me pareceu genial.

— Oi! — A voz da Ayla soou empolgada. Não tinha como eu saber, mas gostava de imaginar que ela só ficava tão animada assim quando falava comigo. — Não me diga que você tá aqui de tocaia desde que chegou em casa...

— Então não digo.

Ayla gargalhou, e eu me perdi um segundo, encantada com o som. Às vezes, quando eu me desligava da realidade para apreciar momentos

como esse, conseguia esquecer, pelo menos por um instante, a culpa guardada em algum canto obscuro dentro de mim.

Eu sabia que o que estava fazendo era horrível, mas não podia evitar. As coisas meio que tinham saído do controle.

Quando conheci a Ayla, não estava *planejando* enganá-la. Quer dizer, não mais do que eu já fazia com todo mundo. Justamente por ter que mentir sobre a minha identidade, sempre evitei desenvolver amizade com outros jogadores. Eles eram meus companheiros de jogatina, como eu gostava de chamar. A gente conversava por Skype, em chamadas em grupo, com muita frequência, mas eu não sabia nada sobre eles.

A Ayla chegou chutando essa porta que eu mantinha muito bem trancada.

De início, confesso que só aceitei ajudá-la porque entendia bem o que estava passando. Na verdade, ela não foi a primeira nem seria a última garota para quem eu tentaria mostrar que existiam pessoas legais no mundo dos games. Até mesmo meninos — o que eu só fui descobrir mais tarde, fingindo que era uma justiceira feminista do mundo geek.

Eu achava que era meu dever ajudá-la.

Só que as coisas foram diferentes com a Ayla.

— Desculpa não ter respondido sua mensagem mais cedo, tive que ajudar minha mãe na igreja, e ela fica no meu pé quando mexo no celular.

Quase podia vê-la revirar os olhos. Ayla dizia que, se sua mãe não a forçasse a frequentar a igreja toda semana, ela talvez até simpatizasse com o catolicismo. Por isso, ter outra religião era quase uma forma de protesto silencioso para ela. Apesar de ter começado como birra, no

fim ela se encontrou no budismo. Não que isso impedisse a mãe de continuar obrigando-a a assistir às missas de quarta e domingo.

— Mas adorei a cara do Gandalf, imagino que ele esteja ansioso para o lançamento da expansão.

Deixei escapar uma risada, me lembrando da imagem que tinha mandado para ela. Gandalf, meu gato, sempre saía assustado na frente das câmeras, então eu vivia tirando fotos engraçadas dele. Dessa vez, eu o tinha fotografado com uma imagem do jogo para demonstrar minha ansiedade para Ayla.

Já fazia alguns meses que nós duas andávamos conversando por mensagem. Inventei para minha mãe que uma parente do Leo tinha sido furtada e precisava de um aparelho para quebrar o galho enquanto não podia comprar um novo. Minha mãe foi muito solícita e doou um celular velho na maior boa vontade, que passei a usar para me comunicar com Ayla. Toda vez que eu tinha que deliberadamente fazer qualquer coisa para enganá-la, me sentia um lixo. E ainda tive que mentir para minha mãe também, o que piorava tudo.

Sabe quando as coisas vão virando uma bola de neve e você não tem chance de voltar atrás?

Foi num momento assim que eu tive que contar toda a verdade para o Leo e implorar sua ajuda. Afinal, era ele quem eu fingia ser. Ayla insistia para fazermos uma chamada de vídeo e eu já tinha esgotado minhas desculpas plausíveis. Então precisei recorrer a ele.

O Leo não ficou muito contente, mas no fim aceitou.

Ele era meu melhor amigo desde o fundamental, e nós dois éramos os esquisitos da turma. Ninguém enfiava nossa cabeça na privada nem prendia a gente no armário da escola, como acontece nos filmes americanos (nossa escola nem tinha armário), mas sempre acabávamos

sobrando quando tinha trabalho em grupo. Apesar de termos personalidades bem diferentes, a cada dupla que formávamos eu percebia o quanto tínhamos em comum. Ele podia ser um pouquinho pé no saco às vezes, mas, assim como eu, também se sentia diferente do pessoal da escola.

Enquanto o resto dos meninos só queria falar de sexo (só falar mesmo, porque nessa idade o que eles mais adoravam era se gabar do que nunca tinham feito), o Leo queria debater livros comigo. Ou ver filmes de terror. Ou jogar. Ou fazer qualquer outra coisa que não envolvesse falar de sexo, de preferência. E, bem, todo mundo que conhece adolescentes em plena puberdade sabe que pessoas fora do padrão não costumam ser muito bem aceitas pelos coleguinhas de turma.

Ainda mais se você for um menino que não liga para sexo.

No meu caso, eu sentia que não me encaixava por outro motivo. Enquanto as outras meninas do fundamental conversavam sobre os garotos de quem gostavam, eu secretamente ficava babando pela beleza da Priscila Pena, do sétimo ano B, ou admirando as curvas da Lena Fernandes, do ensino médio.

E agora estava apaixonada por uma menina que acha que sou um menino.

[22/04 13:02] **aylastorm**: Alô, alguém por aí?

[22/04 13:02] **aylastorm**: Será que posso te perturbar de novo?

[22/04 13:10] **smbdouthere**: Claro!

[22/04 13:10] **smbdouthere**: Os duendes sangrentos tão te dando trabalho aí?

[22/04 13:12] **aylastorm**: Nossa, muito!

[22/04 13:12] **aylastorm**: Tô quase desistindo desse jogo

[22/04 13:15] **smbdouthere**: Nãããão

[22/04 13:15] **smbdouthere**: Não faça isso!

[22/04 13:15] **smbdouthere**: Vc vai se arrepender pelo resto da sua vida

[22/04 13:16] **smbdouthere**: Tudo bem, vou te ensinar minhas técnicas

[22/04 13:16] **smbdouthere**: Mas não conta pra ninguém o meu segredo

[22/04 13:16] **aylastorm**: Sou um túmulo, prometo!

## 2

AYLA

— Como foi seu dia? — perguntei ao Leo enquanto mordida um hambúrguer de grão-de-bico.

Aquela era uma das únicas coisas que me impedia de me revoltar contra as idas à igreja, toda quarta e domingo. Sempre que voltávamos de lá, minha mãe me deixava comprar um sanduíche na hamburgueria da esquina. O que era muito feio da parte dela — nós duas sabíamos que era um suborno, e dos grandes. Mas, por enquanto, eu estava feliz em ser subornada.

— Foi tenso. Não conseguia prestar atenção em nada. Meu professor de biologia chegou até a me chamar no fim da aula pra perguntar se tava tudo bem.

— Ah, é um CDF mesmo — provoquei, porque sabia que ele odiava ser chamado assim. Como se fosse ruim ser inteligente! — Meus professores nem prestam atenção em como eu tô.

— Não, mas seus súditos devem prestar — rebateu, com a língua afiada, me fazendo soltar uma risada. Um ronco escapou da minha garganta antes que eu tivesse tempo de suprimi-lo. Meu primeiro impulso foi de cessar a risada e pedir desculpas, mas relaxei. Já tínhamos passado por isso, o Leo e eu.

A primeira vez que aconteceu, ele não disse nada. Na segunda, também não. Mas na terceira, não aguentou.

— Se você tiver que pedir desculpas toda vez que ri, vou ser obrigado a retirar qualquer coisa minimamente engraçada das nossas conversas.

— Ai, desculpa — pedi mais uma vez, por força do hábito. — É que todo mundo me zoa por causa dessa risada, então acabei pegando o hábito.

— As pessoas são idiotas — resmungou, chateado.

A voz dele ficava engraçada quando dizia alguma coisa fofa. O Leo costumava falar meio pausadamente e tinha um tom suave, mas quando estava com vergonha sua voz afinava um pouco e ele acelerava o discurso.

— A sua risada é uma graça, dá vontade de rir junto — ele continuou, num tom meio agudo.

Era por esse tipo de coisa que eu tinha me apaixonado por ele.

O que era insano, considerando que nunca tínhamos nos encontrado pessoalmente.

Leo e eu nos conhecemos alguns meses antes, quando decidi começar a jogar Feéricos. Eu estava arrasada naquele dia, com raiva dos meus pais, e precisava de alguma coisa — qualquer coisa — para me distrair, para evitar que eu descontasse tudo na comida, algo que, até então, eu fazia mais do que gostaria de admitir.

Na época, já tinha instalado Feéricos no computador, mas estava cansada de tentar jogar porque toda vez tinha muita dificuldade de me juntar a qualquer grupo para cumprir missões. Quando os caras não estavam me ignorando por ser mulher, estavam dando em cima de mim por eu ser mulher e *gamer*.

Era nojento e frustrante.

Aí o Leo apareceu.

— Leo, daqui a pouco você vai ter um problema sério de saúde por deixar o jogo te afetar tanto — reclamei, preocupada, depois de enfiar o último pedaço de hambúrguer na boca. — Isso sem contar o tempo que você passa sentado na frente desse computador.

O Leo era provavelmente a pessoa mais viciada que eu já tinha conhecido. Não sei se isso devia me dizer alguma coisa sobre sua personalidade, mas, enquanto ele estivesse ali e continuasse conversando comigo, eu não iria me incomodar — a não ser que afetasse sua saúde, claro. O meu maior medo era que o Leo superasse o jogo e começasse a se distanciar para viver a vida off-line.

Poucas pessoas conseguiam me deixar tão à vontade quanto ele. Talvez o motivo fosse justamente a nossa relação virtual: o Leo gostou de mim antes de conhecer minha aparência, e vice-versa. Num mundo onde a aparência parecia ser a primeira coisa que todo mundo reparava, conviver com ele era revigorante.

— Ei! Você tá julgando mal a minha rotina de exercícios. Quer dizer, eu malho muito os braços, poxa.

Arfei, dividida entre o susto e o riso com aquela declaração. Leo não costumava falar muita sacanagem, então era óbvio que não tinha dito aquilo no mau sentido. O que só deixava tudo ainda mais engraçado.

— Não, não, eu... — ele começou a tentar se justificar.

Mas não o deixei falar.

— Ai, que nojo! Não preciso ficar sabendo desses detalhes sórdidos da sua vida pessoal. — Adorava ouvi-lo com vergonha. Para falar a verdade, eu provavelmente era a tarada da relação, porque falava muito

mais besteira do que ele. — Espero que não fique *malhando o braço* com a minha foto aberta aí!

— Não! Eu quis dizer com o mouse e o teclado e a comida — apressou-se em dizer, a voz cada vez mais aguda, a respiração quase ofegante.

— Sei — falei, séria, soltando uma baforada pelo nariz. Mas não aguentei e deixei escapar uma risada.

— É verdade, tá? — Ele parecia mais calmo agora ao perceber que eu estava brincando. — Eu estava...

De repente, um barulho alto irrompeu pelo fone e alguém gritou:

— Raíssa! — Antes de o áudio ficar mudo.

Suspirei.

Raíssa era a irmã do Leo, e de vez em quando podia ouvir a mãe deles brigando com ela. Acho que ele sentia vergonha dos sermões, porque sempre desligava a ligação nesses momentos.

Girei na cadeira enquanto esperava seu retorno e olhei ao redor do quarto. Havia uma pilha desalinhada de livros ao lado da cama, que ficava colada numa parede num tom de rosa-choque horrível. Meu armário, do outro lado, tinha cara de armário de vó. Na parede entre as duas, uma janela pequena arejava o quarto e tinha vista para um parque malcuidado. A minha escrivaninha, que ficava no extremo oposto do cômodo estreito e comprido, era branca, básica, e tinha sido decorada com objetos que eu mesma comprei em brechós com o que juntei do dinheiro que recebia dos meus pais para lanches e saídas. A parede atrás dela estava lotada de pequenos pôsteres de filmes da década de 90 que eu amava, de *As patricinhas de Beverly Hills* até *O rei leão*. Era a única parte do quarto de que eu gostava. Também, pudera, foi a única que minha mãe me deixou decorar depois de muito espernear.

Era engraçado, às vezes, quando eu parava para pensar em como eu era submissa à minha mãe, apesar de ser independente até demais em todo o restante. Mas, bem, ela era a minha mãe, e eu não podia simplesmente ficar batendo de frente. Não se eu não quisesse ficar de castigo, sem hambúrguer de grão-de-bico e com horário dobrado na igreja.

Dona Inês sabia bem como me manter na linha.

Mas não era apenas isso. Depois de tudo que tinha acontecido no ano anterior, eu não podia ser mais um peso nas costas da minha mãe. Mesmo quando eu queria *muito* dar uma resposta atravessada a ela, me segurava. Respirava fundo. E deixava para lá.

Talvez por isso sair da linha fosse um dos meus passatempos favoritos quando estava longe de casa.

Mas agora eu tinha o Leo e Feéricos. Muitas pessoas não entendiam como um jogo podia afetar positivamente a vida de alguém. Sei que minha mãe não entendia. Ela estava sempre reclamando que eu vivia enfurnada naquele computador, que não aproveitava minha vida, mas não era capaz de compreender que o jogo era meu refúgio. Meu porto seguro. O Leo estava diretamente ligado a isso, mas não só porque eu gostava dele, e sim porque ele me fez ver o jogo com outros olhos. Graças a sua ajuda, consegui superar a dificuldade de jogar por ser mulher. Não que, magicamente, os babacas tivessem parado de me importunar. Mas agora eu já estava *dentro*, agora eu tinha parceiros de jogo com quem podia conversar e pedir ajuda sem me preocupar em ser assediada ou ignorada.

Considerando toda a confusão em minha vida, os problemas financeiros e o relacionamento complicado dos meus pais, além do turbilhão de sentimentos dentro de mim, entrar num jogo em que eu

podia ser quem eu quisesse, num mundo de fantasia, sem nenhuma dessas questões para me atormentar, era um enorme alívio. Jogar me fazia tirar o peso do mundo das costas e me despia das minhas mentiras.

Por mais contraditório que parecesse, ali, naquele computador, não havia máscaras.

Era apenas eu mesma.

[23/04 16:34] **aylastorm**: Cara, eu acho que não tive oportunidade de falar isso antes

[23/04 16:34] **aylastorm**: Mas obrigada por não ser mais um desses idiotas que me ignoram no jogo porque sou mulher

[23/04 16:34] **aylastorm**: Ou um desses tarados que ficam dando em cima de qualquer garota gamer

[23/04 16:35] **smbdouthere**: Eita, os caras fazem isso?

[23/04 16:35] **smbdouthere**: Que idiotas

[23/04 16:35] **smbdouthere**: Não faço mais do que minha obrigação

[23/04 16:35] **smbdouthere**: Esse tipo de cara não tinha nem que tá aqui

[23/04 16:36] **aylastorm**: Hahaha esses idiotas tão em todos os lugares

[23/04 16:36] **aylastorm**: Eu sei que não devia ser assim

[23/04 16:36] **aylastorm**: Mas é que é tão difícil encontrar caras como vc que não tem como não agradecer

[23/04 16:36] **aylastorm**: De vez em quando até topo com umas pessoas legais, mas é raro

[23/04 16:36] **aylastorm**: E como comecei há pouco tempo, acho que fica ainda mais difícil

[23/04 16:37] **smbdouthere**: Fica tranquila então, se tá comigo, tá com Deus

[23/04 16:37] **smbdouthere**: Vou te apresentar uma galera daora

[23/04 16:37] **smbdouthere**: Passaram por uma inspeção altamente seletiva pra falar comigo

[23/04 16:39] **aylastorm**: Hahahahah

[23/04 16:39] **aylastorm**: Olha, assim vou ser obrigada a aceitar

[23/04 16:41] **smbdouthere**: Me adiciona no Skype que eu te coloco lá no grupo

[23/04 16:41] **smbdouthere**: leo.lopes04@hotmail.com

# 3

## RAÍSSA

— Tô tão empolgada! — exclamou Gabrielle, com um sorriso no rosto, enquanto retirávamos os ingressos na bilheteria do cinema.

— Não consigo acreditar que essa garota é nossa amiga há um ano e nunca nem assistiu Senhor dos Anéis — reclamou Leo, bufando para mim, com uma expressão desapontada no rosto.

Assenti, me virando em direção ao balcão de comida ao lado dele.

— Estou decepcionadíssima com a gente. Já fomos melhores, Leo.

— Pois é.

Baixamos a cabeça, olhando tristes para o chão enquanto colocávamos o braço um no ombro do outro. Atrás de nós, Gabi deixou escapar uma risada e bateu nas nossas costas.

— Deixem de ser bobos, o importante é que não só vou ver agora como vamos ver *no cinema!*

Leo e eu nos soltamos do abraço e nos viramos para Gabi. Nós três nos entreolhamos e começamos a rir, empolgados, e a dar pulinhos de alegria.

Leo e eu amávamos cinema, e tínhamos introduzido Gabi à nossa tradição de ir atrás de toda promoção que tinha na cidade como dois cachorrinhos esfomeados. Desde a semana anterior, o cinema do shopping perto da casa do Leo estava com um circuito de filmes

clássicos nos horários da tarde, durante a semana. Hoje era dia de Senhor dos Anéis. Não podíamos ter ficado mais felizes com essa escolha de filme. Nós dois amávamos Tolkien tanto quanto amávamos cinema. Talvez até mais. Aquela era a melhor combinação que podia existir.

Com os ingressos em mãos, Gabi comprou uma pipoca bem grande para dividirmos e entramos na sala, a mochila carregada de guloseimas que comprávamos em enormes quantidades para economizar. O Leo e eu já fazíamos aquilo havia tanto tempo que nem precisávamos combinar nada. Assim que a palavra “cinema” era mencionada, nós sabíamos exatamente o que fazer: eu comprava os chocolates, ele, as balinhas cheias de açúcar.

E tudo tinha começado lá no sétimo ano do fundamental.

Seus pais haviam se mudado para a cidade no começo daquele ano, e o Leo não conhecia ninguém na escola. Ele entrou na minha turma, mas nos falamos poucas vezes. Sempre fui meio bicho do mato com quem não conhecia, e o Leo logo virou superpopular. Ele era bonito, engraçado, bobão e conseguia se dar bem tanto com os meninos idiotas quanto com as meninas que ficavam babando por ele. Foi o suficiente para torná-lo o centro das atenções.

Mas, pouco tempo depois, durante um passeio da escola naquele mesmo ano, estávamos todos sentados em rodinha, comendo juntos e conversando quando os meninos começaram a falar besteiras com conotação sexual — coisas que deixaram muitas meninas de cenho franzido e algumas outras, que queriam parecer maduras demais, fingindo que entendiam as piadas, mas provavelmente iam caçar o significado na internet mais tarde.

Foi quando o Leo admitiu que não ficava vendo foto de mulher pelada, que não via graça nessas coisas.

Acho que não tinha noção nenhuma do quão maldosos os meninos da escola podiam ser. Mas, a partir daí, começaram as piadinhas nada engraçadas.

*Viadinho. Baitola. Menininha.*

Era só um deles entoar o coro que todos repetiam.

As professoras tiveram que interferir, e o choro do Leo depois de cinco minutos sendo provocado não ajudou em nada a melhorar a fama dele. Após esse dia, no entanto, o Leo me surpreendeu. Em vez de ficar acuado e se deixar abater, ele começou a responder todas as provocações com uma força surpreendente. Mas nem isso foi capaz de parar os imbecis. Pelo contrário, só deu mais gás a eles.

Por ter virado motivo de chacota, Leo foi sendo deixado de lado em tudo, e era sempre o último a ser escolhido nos grupos da turma. Assim como eu. A lógica era que acabássemos nos juntando eventualmente.

Mas o que realmente nos uniu foi quando, um dia, passando perto de um canto escondido da escola, ouvi o Leo discutindo com outros três garotos, que o empurravam. Na mesma hora, saí correndo para procurar alguém. O inspetor Samir e eu chegamos no momento em que ele recebeu o primeiro soco.

O autor do golpe foi suspenso na hora.

No dia seguinte, Leo sentou ao meu lado na sala. E se juntou a mim durante o intervalo. E, de repente, nos tornamos inseparáveis.

Gabi só foi se unir à nossa dupla no segundo ano do ensino médio. Ela era nova na escola também e não demorou muito para que a gente se aproximasse. O santo bateu de cara. A Gabi era uma pessoa fácil de

conversar, fácil de lidar. Justamente por isso, acabou ficando um tanto mais popular do que nós dois, mas nunca abandonou nosso trio, nem mesmo quando o namorado dela, Juliano, entrou em cena. Nem mesmo quando ele começou a implicar com o Leo, e os dois passaram a se alfinetar sempre que estávamos juntos.

O filme começara fazia quase meia hora quando meu celular apitou. Eu ignorei, concentrada na tela, até que, quando estava levando uma pipoca à boca, percebi que o barulho da notificação não era o do meu celular oficial.

Vinha do celular que eu usava com a Ayla.

Fiquei quase dez minutos — ou pelo menos foi o que me pareceu, mas podem ter sido dois — tentando controlar a ansiedade de saber o que ela queria antes de desistir e enfiar a mão no bolso para pegar o aparelho.

— Ei, guarda esse celular! — Gabi reclamou. Ela estava sentada do meu lado direito, entre mim e Leo. Diminuí o brilho da tela e coloquei a mão na frente para não atrapalhar, mas Gabi me cutucou. — Não acredito que você tá quebrando sua própria regra!

Quase quis me bater. Eu tinha *mesmo* dito para Gabi, pouco antes de entrarmos na sala, que a experiência de ver Senhor dos Anéis no cinema só seria completa se a gente não se deixasse distrair pelo mundo exterior.

Sem olhar para nós, o Leo levou a mão ao rosto da Gabi e o virou para a tela, para que ela voltasse a prestar atenção no filme.

Gabi quase pulou de susto com o toque dele. Mesmo no escuro, pude vê-la corar de vergonha.

— Deixa a Raíssa — sussurrou ele. — Ela que vai perder essa experiência incrível. E se você ficar prestando atenção nela, vai perder também.

Abri um sorriso sem graça.

— Desculpa. É rapidinho — acrescentei enquanto respondia a mensagem da Ayla. Ela tinha mandado uma foto dela mesma sentada à escrivaninha, o computador atrás de si, com a legenda “solitária”.

Minha vontade era de sair correndo para lhe fazer companhia e abraçá-la bem forte.

— É aquela menina? — perguntou Gabi, baixinho, voltando a olhar para mim e então para o celular em minhas mãos.

Eu apenas assenti, sem olhar para ela, antes de desligar o aparelho e apontar para a tela do cinema, indicando que a gente voltasse a assistir. Tinha certeza de que meu rosto estava completamente vermelho, e não quis olhar para Gabi com medo de que ela percebesse. Mas, depois disso, também não consegui me concentrar no filme.

Gabi sabia da Ayla. Quer dizer, sabia que a Ayla existia, sabia que eu tinha um perfil masculino no jogo e que tinha conhecido uma garota que pensava que eu era um menino. Eu não pretendia contar, mas ela acabou ouvindo uma conversa minha com o Leo uma vez e tive que dizer a verdade. Em parte. Contei que acabei me aproximando de uma menina por causa do jogo, *como amiga*, e que talvez ela tivesse se apaixonado, e eu não sabia como resolver aquela confusão.

Mas era só isso. Gabi achava que o sentimento não era recíproco. Ela achava que eu tinha me afeiçoado a Ayla e não sabia como contar a verdade agora, depois de tanto tempo, porque não queria magoá-la. Ainda assim, já era o suficiente para me julgar por isso — como se já não bastasse minha própria culpa.

Gabi não sabia que eu gostava de meninas. Não porque eu não confiava nela ou por achar que ela não aceitaria ou que ia contar para todo mundo. Eu só... não estava pronta.

Eu tinha doze anos quando percebi que era lésbica.

Antes disso, eu já sabia que era diferente.

Sempre que assistia os filmes da Disney, ficava sonhando em ter alguém, como a Jasmine tinha o Aladdin. Como a Mulan tinha o Shang. Mas, ao mesmo tempo, a cada menino que eu conhecia, a cada passeio de mãos dadas e selinho escondido nos passeios da escola, mais decepcionada eu ia ficando por não sentir absolutamente nada — exceto, talvez, repulsa.

À medida que fui crescendo, minha atração por personagens femininas só aumentou. A princípio, eu achava que era porque eu me identificava com elas — ou porque queria *ser* como elas. Aquele friozinho que eu sentia na barriga devia ser apenas admiração, certo? Afinal, sempre que as pessoas ao meu redor falavam de casais era homem e mulher. Menino e menina. Meus parentes queriam saber dos meus *namoradinhos*, não das namoradinhas. Toda vez que eu tentava comentar com meus pais sobre ter visto dois homens de mãos dadas, ou duas meninas se beijando, eles desconversavam. Às vezes diziam que era assunto para adulto. Às vezes respondiam que eram só amigos demonstrando carinho. Então, com o tempo, aprendi que não devia perguntar sobre aquilo. Nunca.

Com doze anos, quando ganhei meu primeiro computador, comecei a assistir *Grey's Anatomy*. Foi a primeira série que assisti online, sozinha, sem medo dos meus pais passarem pela sala e me encontrarem vendo alguma cena constrangedora. Foi aí que apareceu a Callie Torres.

A Callie foi a primeira personagem queer que eu vi nas telas. E acompanhar a história de uma mulher que se apaixona por outra foi fundamental para começar a entender minha própria sexualidade.

A pior parte de assumir para mim mesma que eu era lésbica foi não ter com quem conversar. Por isso a amizade do Leo foi tão importante naquele momento. Apesar de a gente ter se aproximado de uma maneira tão rápida, ainda levou um ano para eu me assumir para ele. Mesmo que Leo contasse para mim os detalhes mais íntimos da sua vida, eu não conseguia me sentir tão confortável para compartilhar todo o turbilhão que estava acontecendo dentro de mim. Mas só tê-lo ali, do meu lado, me ajudou a seguir em frente muitas vezes, quando tudo que eu queria era chorar.

Levou meses para que eu conseguisse dizer em voz alta que era lésbica.

E mais anos para que o Leo conseguisse me fazer acreditar que isso era normal. Que gostar de meninas não era errado.

Mas eu ainda não tinha conseguido superar a maior dificuldade: me assumir para todo mundo. Principalmente para os meus pais.

Não sei se um dia eu estaria pronta. Antes da Ayla eu nunca tinha cogitado fazer isso. No fundo, talvez eu até pensasse: *E se eu acabar ficando com alguma menina e perceber que também não gosto? Que tudo não passou de um engano? Que era só admiração mesmo?*

Mas o que eu sentia pela Ayla não era um engano. Era forte demais. Ainda mais considerando que nunca tínhamos nos encontrado. E, mesmo que nunca tivéssemos a oportunidade de nos conhecer pessoalmente, isso não invalidaria o que eu sentia.

[25/04 19:03] **smbdouthere**: Será que posso te pedir um favor?

[25/04 19:04] **aylastorm**: Depois de toda a ajuda que você tem me dado?

[25/04 19:04] **aylastorm**: Mas é óbvio!

[25/04 19:04] **aylastorm**: Peça o que quiser

[25/04 19:05] **smbdouthere**: CEM MIL REAIS

[25/04 19:05] **aylastorm**: É pra já!

[25/04 19:05] **aylastorm**: Assim que eu ficar rica hahahaha

[25/04 19:06] **smbdouthere**: Tudo bem...

[25/04 19:06] **smbdouthere**: Foi burrice minha não ter especificado pra qnd eu precisava

[25/04 19:06] **aylastorm**: Pois é, o erro foi seu

[25/04 19:06] **aylastorm**: Não tenho culpa

[25/04 19:07] **smbdouthere**: :(

[25/04 19:07] **smbdouthere**: Será que posso então pedir uma ajuda no jogo, pelo menos?

[25/04 19:07] **aylastorm**: Às ordens!

# 4

## AYLA

O Leo tinha saído com os amigos, e eu estava inquieta. Precisava encontrar alguma coisa para ocupar o tempo.

Não que eu fosse igual àquelas pessoas que abandonavam todos os amigos quando começavam a namorar. Até porque nem meu namorado o Leo era. Para piorar, nosso conceito de passar tempo juntos era ficar em casa, cada um no seu computador, em cidades diferentes.

Mas eu não podia mentir: muitas vezes preferia, sim, ficar ali falando com o Leo pelo Skype a sair de casa. Não só porque ele era a minha melhor companhia, mas também porque eu não tinha realmente muitos amigos com quem passar o tempo. Desde que mudei de escola, depois de tudo o que aconteceu no ano passado e minha vida se tornou essa grande bagunça, eu me afastei dos meus antigos amigos e normalmente me sentia um peixinho fora d'água com os riquinhos do novo colégio.

O Leo trouxe luz aos meus dias. Eu sabia que era muito errado depositar tantas expectativas em cima dele. Sabia que estava ficando dependente da sua companhia. Eu só não conseguia evitar. Estar com ele fazia eu me sentir eu mesma.

E era raro eu me sentir eu mesma.

Eu não tinha problema nenhum em jogar sem o Leo — o jogo era minha melhor distração, e eu era apaixonada pela história, pelos personagens, pelas missões. Poderia perder horas assistindo os vídeos, lendo as novidades e jogando sozinha.

O grande problema era minha mãe. Ela não perdia a oportunidade de reclamar do jogo e vivia dizendo que minha vida agora se resumia a isso. Adorava me pedir ajuda nos momentos mais inoportunos, durante missões em grupo ou quests importantes, quase como se fizesse de propósito. Quando eu estava com o Leo, eu me sentia mais motivada para aturar suas implicâncias, mas, quando não estava, eu precisava dar um jeito — qualquer jeito — de sair de casa.

Respirei fundo e tirei o headset da cabeça, minha mente já maquinando um plano para a tarde sem ele.

Por fim, acabei mandando uma mensagem para minha tia Sayuri. Ela tinha trinta anos, doze a menos que meu pai e catorze a mais que eu, mas nos dávamos bem como se fôssemos primas. Ela era superdescolada e sempre tinha me tratado como uma igual. Talvez por isso eu a adorasse tanto.

Assim que Sayuri respondeu, muito animada com a ideia de nos vermos, eu me preparei para resolver a parte mais difícil: minha mãe.

A nossa sala estava tomada de caixas e sapatos de todos os tipos. Minha mãe estava sentada no chão, organizando os produtos que ela comprava para revender. Ela tinha uma lojinha on-line que dava um bom lucro, mas também ia diretamente à casa de clientes mostrar as novidades e vendia em feiras. Mesmo com as boas vendas, a loja não servia para pagar metade das nossas contas. Meu pai trabalhava numa imobiliária, mas em tempos de crise era difícil ganhar comissão.

Me aproximei de mansinho e sentei entre as caixas para começar a ajudar minha mãe a empacotar os sapatos. Ultimamente, eu precisava ser cautelosa quando queria pedir alguma coisa. Não só porque ela não perdia uma oportunidade de me alfinetar, mas porque eu mesma poderia acabar me estressando.

— Ayla, já terminou a lição de casa? — ela perguntou, sem erguer os olhos, assim que sentei.

Deixei os braços e a cabeça penderem em frustração. Essa era sempre a primeira pergunta que me fazia quando eu saía do quarto. Meus estudos eram mais importantes do que qualquer coisa nesse mundo.

— Já, mãe — respondi, cansada. Eu sempre fazia minhas tarefas assim que chegava em casa, justamente para evitar discussões.

— Porque recebi uma ligação da irmã Patrícia querendo conversar sobre suas notas. Se você não melhorar, Ayla, vai ser expulsa daquela escola. — Ela desviou o olhar das caixas pela primeira vez e me encarou. — É isso que você quer?

Peguei um sapato e comecei a empacotá-lo, o olhar focado no serviço.

— Não, mãe — respondi apenas.

Minha vontade era gritar que mudar de escola tinha sido ideia dela, não uma escolha minha. Foi uma das formas que minha mãe encontrou para atingir meu pai, por causa de um erro que ele cometeu. Era quase como se ela tivesse começado uma guerra silenciosa e quisesse ver até onde ele ia aguentar.

Eu só acabei ficando no meio do caminho, recebendo todas as porradas.

Como não respondi mais nada, minha mãe se calou. Fiquei uns cinco minutos ajudando-a antes de tocar no assunto que realmente queria.

— Será que tem problema se eu for na Bia? Ela me pediu ajuda para estudar. — Não a encarei nem depois da pergunta, mas podia sentir seu olhar em mim. Podia até imaginar sua expressão cética, sua sobrancelha arqueada.

Bianca era uma amiga do antigo colégio que costumava ser minha desculpa quando queria visitar a Sayuri. Minha mãe e minha tia não se davam muito bem, então sempre que possível eu evitava falar que era para lá que estava indo. Como Bia e eu fomos amigas por muitos anos, era a desculpa perfeita, mesmo que já fizesse um bom tempo que não nos falávamos direito. Apesar de ela ainda tentar retomar o contato, me mandando um “oi, sumida” de vez em quando, nosso afastamento foi uma opção minha.

Enquanto no Santa Helena eu era vista como uma rebelde sem causa que deixava as irmãs de cabelo em pé, no Maria Amélia sempre tirava boas notas, prestava atenção nas aulas e recebia elogios dos professores. Era colocada em um pedestal. Até pelos meus amigos e seus pais. E atender às expectativas das pessoas era muito exaustivo, mesmo antes de a minha família entrar em colapso. Eu estava sempre tentando me encaixar. Sempre tentando ser o que esperavam de mim.

Por isso eu tinha me afastado do pessoal do antigo colégio. Era difícil ser duas pessoas ao mesmo tempo. Para eles, eu ainda era a garota prodígio, inteligente demais para o Colégio Estadual Maria Amélia. Já para o pessoal do Santa Helena, eu era rebelde, encenqueira. Minha fama veio de um momento de impulsividade, de revolta, quando o que eu mais queria era xingar todo mundo e jogar

tudo para o alto. E aí eu só continuei levando aquela farsa. Era um pouco libertador até, depois de tantos anos de vida certinha no Maria Amélia.

Por isso era tão bom estar com Leo.

Com ele eu não pensava muito em quem eu deveria ser. Eu só *era*.

Mas minha mãe não sabia de nada disso.

— *Você* vai ajudar ela nos *estudos*? Com essas notas baixas? — Dava para sentir a ironia em seu tom.

— O Santa Helena é muito mais rígido, mãe, tenho certeza de que posso ajudar ela com a matéria do Maria Amélia. — Eu já tinha o discurso na ponta da língua. Nunca esperei que realmente acreditasse nas minhas desculpas, mas em geral ela fingia que sim. Ou, talvez, preferisse que eu saísse de casa a passar a tarde inteira no computador.

— Quero ver sua lição antes de sair — foi tudo o que disse.

— Vou trazer. — Levantei rápido com medo de que ela mudasse de ideia. Já estava seguindo para o quarto quando dei meia-volta e corri até ela. — Obrigada, mãe — disse antes de dar um beijo no topo da cabeça dela.

Minha mãe podia até ter virado uma pessoa amargurada, mas eu sabia que a antiga Inês ainda estava ali dentro, em algum lugar, resistindo a todo o rancor que guardava. Como filha, era meu dever não me esquecer disso.

Sayuri morava num apartamento pequeno, mas com uma área de lazer maravilhosa. Fazia um dia atípico de inverno e um calor perfeito para um banho de piscina. E já que ela trabalhava de casa, como freelancer de tradução e preparação de texto (ou qualquer outra coisa que a ajudasse a pagar as contas), era mais fácil que conseguisse um

tempinho para mim — algo que Sayuri nunca tinha negado, mesmo quando estava muito atarefada. Ela sabia que, sempre que eu recorria a ela, era porque precisava muito.

Foi uma das cuidadoras do meu tio-avô quem abriu a porta para mim. Desde que teve um AVC, uns dois anos antes, ele precisava de monitoramento constante por causa das complicações que teve no período em que ficou no hospital. Sayuri foi a primeira a se oferecer para cuidar dele. Não só sempre foi a sobrinha preferida do tio Takeshi como também uma das poucas que falava japonês bem o suficiente para se entender com ele — o tio Taki veio do Japão para o Brasil já adulto e só sabia umas poucas palavras em português.

Além disso, Sayuri tinha começado a trabalhar como vendedora de loja para pagar a faculdade, mas nunca conseguiu deixar o emprego. Seu diploma em letras acabou guardado na gaveta por muito tempo até ela começar a fazer tradução. Sempre falava da sua vontade de largar tudo e se dedicar totalmente à vida de freelas, e esse foi o jeito que encontrou para enfim botar seu plano em prática. Por isso, ela se mudou para o apartamento do tio Taki, onde contava com a ajuda de uma cuidadora algumas vezes por semana. Os irmãos dela — meu pai e o tio Ren — davam uma força sempre que podiam, mas era Sayuri quem ficava com o trabalho pesado.

Sinceramente, minha tia era uma das mulheres que eu mais admirava na vida.

Minha mãe jamais podia saber disso.

— Segura essa — gritou Sayuri assim que entrei em seu quarto, depois de cumprimentar meu tio na sala e seguir para o interior do apartamento, para procurá-la. Estendi as mãos num reflexo e peguei um embrulho.

— O que é isso? — perguntei, olhando para ela com um olhar interrogativo.

Os cabelos muito pretos e lisos de Sayuri estavam soltos, e ela usava apenas um short jeans e biquíni, já pronta para descer para a piscina. Parecia muito estilosa, de um jeito despojado. Se minha mãe estivesse ali, perguntaria se Sayuri não tinha vergonha de sair daquele jeito — mesmo que fosse só até a área de lazer do prédio. Justamente por isso, sempre que podia, me inspirava no jeito de se vestir da minha tia.

Fisicamente, éramos muito parecidas. Com exceção de alguns traços da minha mãe, como o nariz mais fino e arrebitado e os lábios carnudos, eu tinha o biótipo da família do meu pai. Era magra, tinha o rosto comprido e triangular, os cabelos pretos e lisos e os olhos castanhos.

— Abre, ué. — Sayuri deu de ombros, e comecei a desembulhar o pacote. Ali dentro estava um biquíni azul, estampado com desenhos relacionados ao mar e à praia. Olhei para ela, surpresa. — Achei que seria legal ter um biquíni aqui pra você. Você sabe que pode vir sempre que quiser, né? Não precisa nem pedir.

Abri um sorriso e lhe agradei com um abraço.

Sayuri sabia dos problemas lá de casa, então aquele gesto era mais do que uma gentileza. Era sua forma de dizer que a casa dela estava aberta para ser meu refúgio sempre que eu precisasse. E isso significava o mundo.

Sem dizer mais nada, corri para o banheiro para trocar de roupa e provar o biquíni novo. Poucos minutos depois, já estávamos na área da piscina, pulando na água como duas crianças felizes.

— E aí, como estão as coisas? — ela perguntou quando paramos numa das pontas, só com os braços apoiados na beirada.

— Ah, você sabe, né? Como sempre. — Ou seja, péssimas. Mas eu preferia não me estender no assunto. Afinal, era justamente por isso que eu estava ali. Sayuri sabia bem. Minha tia era a pessoa que me conhecia melhor, talvez até mais do que o Leo. Ele não sabia, por exemplo, que minha personalidade na escola era uma farsa, nem como eu era no antigo colégio, nem o que tinha acontecido lá em casa — e eu não pretendia contar.

Sayuri também foi a única para quem contei sobre a confusão dentro de mim quando percebi que me sentia atraída por uma garota da escola nova. Foi ela quem me acalmou e disse que não tinha nada de errado em gostar de meninas. Mas então conheci o Leo, e nunca mais falamos sobre isso. A verdade é que, no fundo, eu esperava que ela pensasse que tinha sido só uma curiosidade, uma fase. Que depois de conhecer o Leo, havia passado.

Talvez eu mesma também esperasse isso.

— E o Leo, te abandonou? Vou ter que dar uma coça nele? — ela brincou, entendendo a deixa para mudar de assunto.

Soltei uma risada abafada antes de explicar onde ele estava, e logo nós duas engatamos em papos mais leves, o que ocupou boa parte da tarde. Foi só quando o tempo começou a fechar, escondendo o sol e nos fazendo tremer de frio na água, que voltamos para o apartamento.

Já passava das sete da noite quando saí de lá, depois de tomar um bom banho e secar o cabelo. Eu não queria deixar vestígio algum daquela tarde divertida com Say.

Quando estava no ônibus a caminho de casa, percebi que tinha recebido uma mensagem do Leo.

Tá por aí?

Voltando pra casa. Já chegou?

Sim

E muito impactado depois de ver Senhor dos Anéis no cinema

Assim que eu chegar te ligo e você me conta tudo

Minha mãe não estava em casa quando cheguei, e pude suspirar aliviada. Mandei uma mensagem para ela, avisando que tinha voltado, e fui correndo para o quarto.

Esbarrei com meu pai assim que virei no corredor.

— Onde você vai com tanta pressa, menina? — ele perguntou, o tom de voz meio baixo como sempre. Ele ainda estava de terno e gravata, a mesma roupa que usava para o trabalho.

— Só jogar — falei simplesmente, com um sorriso amarelo.

Desde o ano passado, conversar com meu pai era esquisito. Ao contrário da minha mãe, que tinha decidido descontar sua raiva em todos à sua volta (inclusive em mim), era como se meu pai tivesse criado um casulo ao redor de si. Um casulo que ninguém conseguia penetrar, nem sua filha.

— Bom jogo — ele disse, com um tapinha desajeitado no meu ombro.

Hesitei por um momento, sem saber o que fazer, então dei as costas e segui para o meu quarto, onde meu refúgio me esperava.

— Oi! — cumprimentei assim que o Leo atendeu minha ligação.  
E de repente foi como se tudo ao meu redor não existisse mais.

Leo Lopes • online



30 de abril



Leo Lopes, 12:03

Ei, ta jogando?

Ayla Mihara, 12:04

Não, to vendo um filme

To meio na merda hoje,  
mais tarde eu joga rs



Leo Lopes, 12:05

O que houve??

Ayla Mihara, 12:05

Nada, só uns negócios aqui  
em casa



Leo Lopes, 12:06

Quer conversar?

Ayla Mihara, 12:06

Vc não precisa ficar ouvindo  
meus problemas



Leo Lopes, 12:07

Precisar eu não preciso  
mesmo, mas se eu to  
oferecendo é pq eu quero

via Skype ▾



Leo Lopes • online



Ayla Mihara, 12:07

Vc é um fofo

Mas acho que prefiro não pensar nisso

Leo Lopes, 12:08



Então tá, mas se quiser to aqui

O que vc tá vendo?

Ayla Mihara, 12:08

Vc vai me zoar haha

É um filme velho

“Uma babá quase perfeita”

Leo Lopes, 12:09



Ué, pq eu zoaria?

Nunca vi esse

Vou colocar aqui também

Ayla Mihara, 12:11

Tá

via Skype ▾



Leo Lopes • online



Posso te ligar?

Aí a gente finge que tá vendo junto hahaha



Leo Lopes, 12:12

Ótima ideia hahaha

Ayla Mihara, 12:13

Adorei!

Vou até voltar aqui, tava no começo ainda



Leo Lopes

Chamando >>

via Skype ▾



# 5

## RAÍSSA

— Mano... do... céu! — exclamei, muito pausadamente, o olhar vidrado no celular.

— O quê?! — Três pares de olhos se voltaram para mim, curiosos.

Meu coração estava batendo acelerado e minhas mãos tremiam enquanto eu deslizava a tela para ler o texto recém-postado na página da Nevasca Studios.



**Nevasca Studios**

Agora mesmo • 🌐



Quer ganhar um ingresso grátis + acompanhante para a Nevasca EXPO?

Chegou a sua chance! Participe do nosso concurso de cosplay!  
O vencedor escolhido pelo nosso júri terá passe livre durante todo o evento, com direito a um acompanhante!

Tá achando que acabou? Os sortudos terão T-U-D-O pago, incluindo passagem e hospedagem completa no Hotel Paladino, do lado do Centro de Convenções Paladino, para não perderem nenhum segundo da primeira feira da Nevasca!

Eu e o Leo estávamos sentados no pátio da escola com Gabi e Juliano. Comecei a me contorcer de felicidade, fazendo uma dancinha

estranha, balançando pés e mãos e o corpo todo. Parecia que eu estava tendo um piripaque. E talvez estivesse mesmo.

A Nevasca EXPO era o primeiro grande evento que a Nevasca Studios organizava. Nos últimos anos, a empresa já tinha lançado vários games importantes e crescido tanto que se tornou mundialmente renomada. A programação da EXPO seria repleta de atividades relacionadas a games e tecnologia e reuniria personalidades desse meio, como dubladores, designers, engenheiros de software, produtores, roteiristas. Eram três dias de imersão total nesse universo.

E. Eu. Não. Ia.

Em junho, quando anunciaram o evento, eu tinha ficado tão empolgada que só faltava começar a arrumar as malas, mas minha felicidade foi esmagada assim que meu pai veio me dar a terrível notícia.

— É na mesma data da minha viagem pra Salvador. — Ele estava com uma expressão consternada no rosto, e eu entendia sua dor. Meu pai era tão apaixonado por jogos quanto eu, talvez até mais. Mas essa viagem para Salvador era a trabalho. Ele não podia faltar.

Dei um tapinha solidário em seu ombro.

— Mas eu ainda posso ir, certo? O lado positivo é que você vai gastar menos... — Olhei para ele, esperançosa, mas foi a vez da minha mãe destruir meus sonhos.

— Nem pensar — disse, em tom categórico.

Senti meu estômago afundar.

— Mas por quê?!

— Você acha que a gente vai te deixar ir sozinha pra capital? Só se eu fosse louca!

Meu pai olhou para mim ainda mais desolado, mas não ousaria contrariar uma ordem da minha mãe.

— Mãe, por favor! Eu *preciso* ir nesse evento! — Esperneei, à beira das lágrimas, quase pulando de tanta frustração.

— Não tem conversa, Raíssa, você não vai sozinha.

— E se o Leo for com ela? — meu pai perguntou de repente, vindo em meu socorro.

O Leo era aquele amigo que meus pais confiavam tanto que era só dizer “o Leo vai” que eles mudavam de opinião na hora. O que era ridículo, porque eu era tão responsável quanto o Leo. Mas, bem... Ele era *homem*. Acho que isso fazia alguma diferença na cabeça deles, como se eu fosse estar mais segura e protegida.

Parei de espernear na hora e juntei a palma das mãos enquanto me ajoelhava na frente dela, implorando.

— Por favor, por favor, por favorzinho!

Minha mãe suspirou.

— *Se* o Leo for, você pode ir.

Enchi minha mãe de beijos, empolgada, e liguei para o Leo na mesma hora. A gente já tinha trocado mensagens animadas quando o evento foi anunciado, e ficamos de nos falar assim que conversássemos com nossos pais e soubéssemos o veredito.

Mas a voz do Leo quando atendeu o telefone aniquilou minha animação na hora.

— Minha mãe disse que não tem como pagar. Eu não acredito, Raíssa! — Ele parecia arrasado. Sua voz vacilava, como se estivesse à beira das lágrimas. — Implorei pro meu padrasto, mas ele piorou tudo, disse que ainda teriam que arcar com a hospedagem e o transporte e a alimentação e que ia ficar muito pesado pro nosso orçamento.

Eu estava inconformada. Não podia acreditar que perderia a chance de ir no maior evento nacional de games dos últimos tempos. Aquilo era inconcebível. *Precisava* dar um jeito.

E agora a oportunidade apareceu.

— Eu tô ficando preocupada — Gabi comentou no pátio, lançando um olhar estranho para minha comemoração nada discreta.

— Será que devo chamar a enfermeira? — Leo colocou a mão na minha testa, fingindo sentir a temperatura.

— Olha isso! — exclamei, de repente, voltando a sentar e virando o celular para ele.

Leo leu a notícia com calma, mas seus olhos castanhos foram se arregalando a cada palavra, até terminar com um gritinho de empolgação.

— Orra! É isso, Raíssa! Meu Deus, você *tem* que participar, e me levar junto. Pelo amor do meu bom Deus!

Ele me segurou pelos ombros e me sacudiu, tão empolgado quanto eu. Mas sua comemoração foi interrompida por uma explosão de risadas do grupo mais próximo da gente.

— Que viadinho escandaloso. É assim que você grita quando tá com seu namorado? — perguntou um dos caras do grupo, um branquelo magro e cabeçudo do terceiro ano B, achando que estava fazendo a piada mais engraçada do mundo. Aparentemente, os idiotas dos amigos dele concordavam, pois todos riram enquanto os encarávamos.

Senti meu rosto ficar vermelho de raiva, e pude ver que Gabi estava prestes a levantar e dizer alguma coisa, apesar de ser a pessoa mais doce que eu conhecia. Ela ficava uma fera quando ouvia qualquer um caçoando dele.

A mão de Juliano já estava no meio do caminho para contê-la quando o Leo se voltou para nosso grupo.

— É assim que a gente sabe que a pessoa é virgem — comentou de maneira condescendente, como se estivesse nos dando uma aula. — Quando ela não sabe nem o que é um grito de prazer.

Eu quis me encolher de vergonha, já pronta para a briga que sabia que estava por vir. Ao contrário de mim, que preferia evaporar a começar uma discussão, o Leo não tinha problema nenhum em responder as zoações à altura. E por mais que morresse de medo desses momentos, de ele apanhar ou algo do tipo — como várias vezes já tinha acontecido —, eu também o admirava muito. Naquela época, quando admitiu para a turma inteira que não se interessava por sexo, Leo não tinha muita noção do que estava fazendo. Só mais tarde veio a entender melhor sua assexualidade e o que é área cinza, mas, desde então, preferia se impor a se calar. E eu invejava muito a sua coragem.

Lúcio, o aluno que zombou do Leo, levantou, irritado, e veio na nossa direção acompanhado pelos amigos.

— Já está arrumando confusão com o Leo, Lúcio? — perguntou uma voz alta e grossa. Olhamos para trás em tempo de ver o inspetor Samir se aproximar. Ele era um velhinho muito gente boa, que trabalhava na escola desde que o lugar tinha sido fundado. O homem estava em sua melhor forma e nem parecia ter seus sessenta e poucos anos.

— Não senhor, inspetor — Lúcio respondeu, se contendo para não revirar os olhos.

— Sei. Se eu vir você e seus coleguinhas criando caso de novo, vou arranjar uma expulsão pra você. Vaza daqui. — Os cinco foram embora, pisando duro, mas ninguém ousava dar uma resposta

atravessada ao inspetor Samir. Ele podia ser velho, mas era o maior defensor dos oprimidos da escola e carregava nas costas uma lista bem grande de alunos valentões que mandara suspender ou expulsar.

Era nosso ídolo.

— Arrasou, Samir! — comemorou Leo, erguendo a mão para um “toca aqui”.

Ignorando o protocolo, Samir retribuiu o cumprimento. Ele não tinha nenhum pudor em demonstrar favoritismo. E como já fazia tanto tempo que o Leo era zoadado pelo pessoal da escola, o inspetor o tinha adotado como protegido. O que, por tabela, acabou nos aproximando também. Várias vezes, quando a gente precisava de algum conselho, procurávamos o Samir.

— Samir, você não vai acreditar! — exclamei, retomando o assunto que tinha dado início a toda aquela confusão. — Sabe aquela feira que eu te contei que a gente não ia poder ir?

— Claro! — Ele espalmou a mão no banco de concreto onde os valentões estavam sentados havia pouco, apoiando-se enquanto sentava. Ele vivia reclamando que parecia bem por fora, mas as costas o matavam. — Vocês conseguiram ingresso?

Nós nos arrastamos pelo chão, para ficar mais perto do Samir e incluí-lo na nossa rodinha. Quando cheguei perto dele, segurei suas mãos enrugadas e as sacudi, tentando demonstrar minha animação.

— Não, mas acabaram de lançar um concurso de cosplay valendo dois ingressos! — exclamei, minha voz crescendo num agudo irritante.

Samir pareceu empolgado, em seguida franziu o cenho.

— O que é cosplay mesmo?

Leo e eu nos entreolhamos e rimos.

— É tipo uma fantasia — Leo explicou, simplificando. — Mas é quando você realmente *entra* no personagem, sabe?

— Sei. É aquele negócio que a menininha aqui adora fazer, né?

Ele lançou um olhar para mim. Eu já tinha mostrado várias das minhas fotos para Samir, e ele acompanhara o desenvolvimento das minhas habilidades de corte e costura ao longo do tempo, assim como minhas atuações e dublagens. O inspetor Samir era o maior apreciador da minha arte.

Ele só esquecia meu nome. Às vezes. Quase sempre.

Concordei com a cabeça, respondendo sua pergunta.

— Essa é a nossa chance, Samir! Não acredito que alguém lá em cima ouviu nossas preces pelo menos uma vez na vida. Eu tô morrendo!

Gabi e Juliano, que não tinham falado nada, nos encaravam perplexos.

— Gente, do jeito que vocês estavam, achei que tinham ganhado na loteria. Nem o ingresso vocês ganharam ainda.

Fechei a cara, olhando carrancuda para Juliano. Ele podia até ser uma boa pessoa, mas seu pessimismo me irritava muito. Para falar a verdade, ele só estava sentado conosco porque era o namorado da Gabi. Sinceramente, ela merecia alguém muito melhor. No mínimo alguém que acreditasse mais nela e a incentivasse. Mas eu jamais diria isso em voz alta. Pelo menos ele não era um babaca valentão.

Agora, no entanto, era como se tivesse jogado um balde de água fria em mim.

Não, nós não tínhamos ganhado ainda.

E provavelmente havia centenas de pessoas que faziam cosplay profissionalmente e tinham muito mais dinheiro para investir nisso do

que eu.

Meu estômago afundou de decepção com surpreendente rapidez.

— Ah, não! Não, não, não. Não faz essa cara — reclamou Leo. —

A gente vai conseguir! Ignora esse imbecil.

Então lançou um olhar azedo para Juliano, como de costume. O Leo não escondia seu desgosto. Na mesma hora, Gabi fechou a cara e lançou um olhar meio envergonhado, meio irritado para o namorado. O que era muito difícil para ela, com aqueles dois olhos grandes e fofos que a faziam parecer uma personagem de desenho animado.

— Deixa de ser babaca.

Ele deu de ombros, com uma expressão inocente, como se não tivesse dito nada de mais.

— Ué, o que que eu falei? — perguntou, soando meio rabugento.

Quando a Gabi o ignorou, virando-se para nós com um sorriso afável, ele lançou um olhar irritado para o Leo. Às vezes eu tinha a impressão de que o Juliano morria de ciúmes dele, o que não fazia muito sentido. Quer dizer, o Leo e a Gabi se conheceram antes de o Juliano entrar em cena. Se tivesse que acontecer alguma coisa entre os dois, a Gabi nem teria começado a namorar... certo?

— Mesmo não gostando desse negócio aí que vocês curtem, eu amo seus cosplays — Gabi disse. — Você manda muito com poucos recursos e, melhor, ainda atua bem como o personagem, Ray. Se eles liberarem o envio de vídeo, acho que você devia investir. Ia aumentar muito as suas chances.

Meus olhos brilharam enquanto encarava Gabi. Ela era uma pessoa doce, fofa e sempre sabia as palavras certas para levantar nosso astral.

Não devia mesmo estar com Juliano.

— Obrigada, Gabi! — O sinal tocou logo em seguida.

— Bom, fico feliz que vocês tenham resolvido tudo, crianças — falou Samir, com um sorriso no rosto enquanto levantava. — Agora voltem para a aula. Vou verificar o pátio atrás de pequenos infratores.

Ele foi embora, em direção aos fundos do pátio, e nós quatro seguimos juntos para a aula.

— Vamos ao café depois da aula? — perguntou Leo, entrelaçando o braço ao meu. — Pra gente decidir que cosplay fazer?

— Vamos!

A Gabi, que estava andando na frente, de mãos dadas com Juliano, se virou para trás.

— E eu? Não estou convidada? — Ela fez um biquinho fofo.

Pelo canto do olho, pude ver o olhar do Leo indo dela para o namorado. Quase conseguia imaginar o que estava pensando: *só se o Juliano não for.*

— Claro! — concordei, ignorando-o.

Abri um sorriso empolgado antes de ouvir uma notificação.

Vc viu o concurso de  
cosplay????

Meu Deus, a gente PRECISA  
tentar

É a nossa chance

Quem ganhar leva o outro como  
acompanhante

Não consigo aceitar que não vamos nessa feira nem vamos nos conhecer 😞

Precisamos conseguir!!

Fechei os olhos por um segundo e apertei o botão de desligar, sem responder.

Caramba, a Ayla não podia vencer aquele concurso. Eu mal tinha me tocado de que aquela era uma boa oportunidade para ela também, que não ia por falta de grana. Mas, se a Ayla vencesse, eu estava ferrada. Porque ela ia querer me levar junto.

Mais do que nunca, eu *precisava* ganhar. Como Raíssa, não como Leo.

Eu queria, sim, conhecer a Ayla — e como! Mas esse sonho era uma realidade tão distante que só conseguia enxergá-lo num universo paralelo.

Um em que eu não tivesse medo de ser quem eu sou.

Um em que o mundo me aceitasse.

Um em que a Ayla gostasse da Raíssa, não do Leo.

**Ayla Mihara** • online



1 de maio



Ayla Mihara, 11:11

Alô, bom dia!!

Tá por aí?



Ayla Mihara, 11:31

Me avisa quando acordar 😊

Leo Lopes, 13:12

Oi, bom dia



Ayla Mihara, 13:15

Boa tarde, dorminhoco hahaha

Como consegue dormir tanto?

Leo Lopes, 13:20

Foram anos de aprendizado

É preciso muito esforço e dedicação



Ayla Mihara, 13:22

Hahahaha

Escuta, queria mt te agradecer pela ajuda de ontem

via Skype ▾



**Ayla Mihara** • online



Leo Lopes, 13:22

Ué, que ajuda? Eu não fiz nada



Ayla Mihara, 13:25

A sua preocupação, sua  
companhia durante o filme

Pra vc pode não ter sido nada,  
mas pra mim foi mt importante

Não são mtas pessoas que se  
mostram tão abertas pra ajudar  
uma desconhecida

Leo Lopes, 13:26

Que isso, cara. Não precisa  
ficar me enaltecendo

Eu sei que sou foda



Ayla Mihara, 13:27

Hahaha ridículo

Mas você é mesmo 😊

via Skype ▾



# 6

## AYLA

— Ayla! O que você está fazendo aqui? — indagou uma voz autoritária atrás de mim.

Quase pulei de susto com a interrupção, mas sabia que, se eu me virasse sobressaltada, ia dar muito na cara que estava fazendo algo errado.

Eu estava nos fundos da escola, entre o edifício principal e o muro que delimitava o final do terreno. Não havia janelas naquela parte, então ninguém de dentro do prédio poderia ver o que acontecia ali.

Era o ponto perfeito.

Eu me virei devagar, tentando manter uma expressão chateada.

— Oi, irmã Celestina! Eu tô procurando um colar que perdi. — Tentei usar meu tom mais inocente, as mãos atrás das costas para evitar gesticular demais, como fazia sempre que estava mentindo. — Não consigo encontrar em lugar nenhum.

— E por que estaria aqui? — Ela estava com um olhar desconfiado. Não podia culpá-la. Afinal, eu não era exatamente a aluna mais querida pelas irmãs. Meu comportamento na escola era um pouquinho rebelde *demais* para o gosto delas.

— Eu vim aqui quando tava batendo perna pela escola no intervalo de ontem. Pensei que podia ter caído em algum lugar. — Dei de

ombros, tentando parecer casual.

Irmã Celestina levantou uma sobrancelha e olhou ao redor, como se esperasse encontrar algo que me denunciasse. Minha fama já não era das melhores, mas eu não estava fazendo nada errado, então a irmã apenas suspirou.

— Bem, o sinal já vai bater, então vá logo para a sala. Não vou te isentar da advertência se chegar depois dos quinze minutos de tolerância.

Com uma última olhada ao redor, ela foi embora.

Mordi o lábio, ainda mantendo no rosto a expressão inocente enquanto a via sumir numa esquina.

— Vem, Ayla! — sussurrou alguém, alguns minutos depois. A voz feminina e aguda vinha do outro lado do muro.

— Deixa de ser medrosa! — provocou outra voz, mais rouca.

— Medrosa é a sua mãe — respondi, carrancuda, depois de dar uma última olhada na passagem lateral que levava ao pátio principal, de onde a irmã Celestina tinha vindo. Então corri até o ponto da parede em que havia uma protuberância de cimento e comecei a escalar o muro.

Alcansei o topo com a respiração ofegante e vislumbrei a área extensa e abandonada atrás da escola. A grama era alta ali, exceto na parte onde Vitória e Adriana estavam paradas, olhando para cima, me esperando. Naquele ponto, a vegetação estava amassada e pisoteada de tantas vezes que havíamos pulado.

Aquele terreno baldio era o local para onde fugíamos com mais frequência do que gostaria de admitir. A gente costumava esperar o sinal do primeiro tempo bater para não correr o risco de esbarrar com algum professor, mas raramente alguém passava por ali.

Agora, porém, teríamos que tomar cuidado com a irmã Celestina. Tinha certeza de que ela ficaria de olho. Talvez até desse pela nossa falta, então era melhor voltar antes do intervalo entre as aulas.

O motivo das nossas fugas variava muito. Uma aula especialmente chata. Um dia de merda. O vício secreto de Vitória no cigarro. Uma vontade louca de fazer alguma rebeldia. Hoje, era por causa do filme que a professora de história ia passar. Aulas com filmes eram sempre insuportáveis, e nunca rolava chamada. Era quase como se estivessem *pedindo* para a gente cabular.

Vitória, Adriana e eu vínhamos de mundos muito diferentes, mas nossa vontade de mandar tudo pelos ares nos unia.

— Desce logo, Ayla! Alguém vai te ver! — esperneou Adriana, a mais medrosa de nós três. Ela estava com os cabelos crespos presos no alto, e tinha aberto completamente a blusa de botões, deixando à mostra a regata branca que vestia por baixo do uniforme.

Ao lado dela, Vitória, com seu bronzeado de quem tinha passado as férias de julho inteiras na praia, estava com o uniforme intacto. Seus cabelos lisos e tingidos de loiro, presos num rabo de cavalo, não tinham um fio fora do lugar, apesar de ela ter pulado o muro havia poucos minutos.

Ainda demorei um segundo, analisando a vista do bairro. O Colégio Santa Helena ficava num dos bairros mais nobres de Campinas e, dali de cima, dava para ver os casarões ao redor. Era uma das escolas mais rígidas da cidade, com um ensino médio totalmente focado no vestibular.

Nós três a odiávamos.

Meus pais pagavam uma fortuna e se endividavam para manter a mensalidade em dia, tudo por causa daquela maldita guerra fria em que

os dois estavam.

Isso nunca tinha me irritado tanto quanto agora. Porque antes eu só pensava: *Tomara que as dívidas fiquem tão grandes que eles finalmente tenham que conversar e se resolver.* Vivia falando para eles que não precisava daquilo tudo. Que eu era perfeitamente capaz de ser uma boa aluna em uma escola mais barata. Não que eu achasse de verdade que isso tinha muito a ver com meus estudos.

Mas eles nunca me ouviam.

Bem, principalmente minha mãe. Porque meu pai só aceitava tudo calado.

Assim como eu.

Mas agora... agora eu realmente precisava da ajuda deles. Agora havia algo que eu realmente queria mais do que jamais quis na vida. Eu queria ir à Nevasca EXPO e queria que o Leo pudesse ir também, mas não tínhamos um tostão no bolso para fazer isso acontecer.

Dei uma última olhada na vista antes de me impulsionar para a frente e cair agachada no terreno baldio. Corremos até a outra ponta da propriedade, onde uma obra abandonada servia para nos escondermos da vista de quem estivesse passando pela rua.

— O.k., me contem a maior merda que aconteceu com vocês essa semana — Vitória pediu assim que terminamos de nos acomodar na área cimentada, apoiadas em uma das paredes erguidas.

Aquele também era um ritual nosso. Compartilhar nossas desgraças para que as outras rissem e transformassem tudo em piada até que o problema não parecesse tão grande assim.

— Minha mãe tá traindo meu pai — soltou Adriana, olhando as próprias unhas.

— De novo?

— Ela não disse que ia terminar com o amante?

— Disse. E terminou.

— Mas voltou?

— Não, arranjou outro. — Adriana olhou para a gente, séria, antes de cair na gargalhada. — Minha mãe não perde tempo.

— Por que ela simplesmente não se divorcia do seu pai, meu Deus? — perguntei, chocada. As histórias da mãe da Drica sempre me deixavam perplexa. Eu nunca admitiria, mas era do tipo que ainda acreditava em amor verdadeiro.

Ou, pelo menos, em companheiros fiéis.

— A vovó Tassi ia se revirar no túmulo se eles se separassem — respondeu Drica, sarcástica.

— Bem, a vovó Tassi morreu, acho que ela não vai se importar.

— É uma hipocrisia tão grande! — soltou ela, de repente, jogando as mãos para o alto. — Eles nem dormem mais no mesmo quarto, sabe? Mas *Deus* não permitiria aquilo! É preciso manter a família tradicional brasileira — debochou.

— Deus é um cara tão bacana, não sei por que jogam sempre a culpa das merdas que fazem para cima dele — comentei, chateada.

As três riram e, quando o silêncio recaiu, olhamos para Vitória.

— Bem, a *minha* maior merda foi que minha mãe encontrou um maço de cigarros na minha mochila.

— Sério, Vick? E aí?

— E aí eu falei que era da Drica — ela se virou para a amiga —, e ela me proibiu de andar com você.

— Aff, ridícula!

Drica tentou dar um tapa em Vick, que se contorceu para desviar enquanto eu dava risada.

Quando as duas olharam para mim, suspirei.

— Não é exatamente uma merda, mas... sabem aquele evento caríssimo que eu queria muito ir? — As duas assentiram com a cabeça. — Tá rolando um concurso de cosplay pra ganhar entradas. E eu preciso da ajuda de vocês pra vencer.

— Cosplay? Não é muito a sua cara — disse Vick, me analisando com a sobrancelha erguida.

— Eu sei. Também nunca me imaginei fazendo um negócio desse. — Respirei fundo para tomar coragem de continuar. — Mas eu preciso ganhar pra ir na feira... e conhecer o Leo.

— Leo, o seu namorado virtual?

Odiava quando Drica falava daquele jeito, como se estivesse caçoando do meu relacionamento. Ou o que quer que aquilo fosse. Certamente não era uma *amizade*, mas será que eu poderia chamar de namoro quando não tínhamos nem mesmo dado as mãos? Drica e Vick deviam pensar a mesma coisa pelo olhar que trocavam sempre que eu trazia o assunto à tona, mas elas nunca admitiriam, porque aquela era uma das nossas regras.

*Não julgarás.*

Eu tinha contado para elas sobre o Leo e o jogo quase sem querer. Vick ficou sabendo antes da Drica, porque tive que pedir para usar sua caixa postal para receber o presente de aniversário que ele queria me mandar. Mas, quando ela me perguntou o motivo, dei a entender que Leo era um primo distante com quem tinha retomado o contato e que, por causa das férias do porteiro do meu prédio, precisava desse favorzinho. Não sei se Vick acreditou, principalmente depois, quando ele mandou *outro* presente, mas ela nunca comentou nada.

Não tenho certeza de por que menti, acho que senti que era algo pessoal demais e que elas não aprovariam. Mas, alguns meses atrás, no dia que divulgaram a notícia da Nevasca EXPO, eu estava tão chateada por não poder ir que acabei falando sobre isso em um dos nossos desabafos ali no terreno baldio.

Quando contei a verdade sobre o Leo, Drica arregalou os olhos.

— Jura que você tem um namoradinho virtual?

Eu me encolhi, incomodada com o tom de deboche em sua voz.

— Ele não é meu namorado... — murmurei, sem graça, mas ela nem me deixou explicar nada.

— Eu jurava que você era lésbica.

Foi a minha vez de arregalar os olhos.

— Quê? Por quê? — Será que eu tinha deixado minha dúvida tão na cara assim?

Drica deu de ombros.

— Não sei, foi só uma sensação que eu tive.

— Quer dizer então que aquela história de primo era tudo mentira? — questionou Vick, e eu me encolhi novamente, dessa vez de vergonha, mas ela não parecia chateada. Mesmo assim, me senti péssima, porque esqueci completamente que tinha inventado essa história. — Bem que eu achei tudo muito estranho... Mas por que você mentiu, Ayla?

Eu desconversei, evasiva, e tentei conduzir o assunto novamente para o Leo e a Nevasca EXPO. Drica e Vick se ofereceram para comprar um ingresso para mim, mas eu fui terminantemente contra. Eu odiaria ficar devendo dinheiro a elas sem ter como pagar de volta — e eu faria questão, mesmo que tivesse que economizar pelo resto da

vida, e elas jamais aceitariam, o que era outro ótimo motivo para minha recusa.

— Vocês vão ajudar? — indaguei agora sobre o concurso de cosplay, ignorando a pergunta da Drica.

As duas se entreolharam e deram de ombros.

— É pra isso que estamos aqui, não é? Pode contar com a gente.

Leo Lopes • online



2 de maio

Ayla Mihara, 15:53

Ai meu Deus!!!!

Minha tia acabou de me dar um presente de aniversário incrível!!!!!!!!!!



Leo Lopes, 16:00

O quê??

E como assim é seu aniversário e você não me disse? É hoje?

Ayla Mihara, 16:05

Hahaha não, foi segunda

Não curto muito aniversários, por isso não falo nada

Mas, nossa, ela me deu aqueles bonequinhos cabeçudos da Bela e da Fera

Eu sempre quis começar a coleção, mas é muito carooo

via Skype ▾



Leo Lopes • online



Leo Lopes, 16:10

Que legal!!!

Eu amo os bonecos da Funko, meu pai tem uma coleção, aí comecei uma também

Po, eu adoro aniversário!  
Pq você não gosta?

Ayla Mihara, 16:11

Sei lá, nunca acontece nada de bom



Leo Lopes, 16:12

Peraí, foi por isso que vc falou que tava na merda segunda?

Ayla Mihara, 16:12

É

E graças a vc foi um dos melhores aniversários q eu tive



Leo Lopes, 16:12

Que droga, eu teria me empenhado mais se soubesse que era seu aniversário

via Skype ▾



Leo Lopes • online



To me sentindo mal agora

Queria te mandar um presente tb

Ayla Mihara, 16:12

Hahaha não precisa

Vc já me deu um ótimo presente



Leo Lopes, 16:12

Mesmo assim né

Tinha um presente perfeito em mente

Mas acho que ficaria meio esquisito se eu pedisse seu endereço pra mandar

Ayla Mihara, 16:12

Hahahaha acho que sim

Ah, já sei!! Tenho uma amiga que tem caixa postal

Serve?



Leo Lopes, 16:12

Sim!!

via Skype ▾



# 7

## RAÍSSA

Sábado era dia de programa em família.

Era uma tradição que meus pais criaram quando meu pai começou a trabalhar fora, para que a gente não deixasse a vida e as obrigações nos afastarem.

Normalmente, eu adorava. Escolhíamos um restaurante, um parque ou qualquer coisa legal que estivesse acontecendo na cidade e nos reuníamos para comer besteira juntos e compartilhar as novidades. Sempre divulgávamos a programação no grupo da família, convidando qualquer um que estivesse por perto. Tínhamos um tio que também morava em Sorocaba, mas os outros parentes se espalhavam pelas cidades vizinhas e às vezes estavam dispostos a pegar a estrada só para nos ver. Costumava ser bem divertido.

Mas hoje, em especial, eu estava muito aflita com o concurso de cosplay e com a possibilidade de Ayla ganhar. Minha preocupação com sua determinação era tanta que eu preferia que qualquer outra pessoa vencesse, se isso significasse que ela não iria conseguir.

O que era horrível, mas era melhor do que decepcioná-la com a verdade.

E me decepcionar também.

Eu não estava pronta para admitir ao mundo que gostava de meninas. Não tinha certeza de como as pessoas iam reagir, principalmente meus pais. Minha mãe era toda “respeito as opções de cada um, mas não precisa ficar se beijando assim em público”, como se fosse muito mente aberta, mas ela não entendia que: 1) Não era uma opção. Se fosse, será que eu não teria escolhido o caminho mais fácil? E 2) Aquele era exatamente o tipo de pensamento que só pessoas preconceituosas tinham. Afinal, ela nunca reclamava de casais héteros, mesmo que a conduta deles às vezes fosse muito mais explícita.

Meu pai não costumava manifestar muito sua opinião, mas, vez ou outra, eu o via repreender minha mãe quando ela fazia algum comentário preconceituoso. Isso não significava, é claro, que ele apoiaria a homossexualidade da própria filha. Quantas vezes, afinal, eu não tinha ouvido sobre pais que militavam pelos direitos LGBTQIA+, mas não conseguiram aceitar quando seus filhos assumiram?

Porém, mesmo se minha família me apoiasse, em nossas conversas Ayla nunca tinha dado nenhum indício de que também se interessava por meninas. Ela gostava de mim como Leo, então não acho que ficaria muito feliz ao descobrir que eu sou mulher. Seria desolador ter que lidar com o distanciamento dela.

Por ora, minha única meta era vencer o concurso e impedir um desastre.

— Terra chamando Raíssa — meu pai falou, estalando os dedos na minha frente. Meu olhar focou em seus olhos castanho-escuros e na sua sobrancelha arqueada.

Estávamos na frente de uma barraca de sorvete, num circuito de food trucks que acontecia naquele final de semana num dos parques da cidade. Nós dois tínhamos sido incumbidos da missão de levar sorvete

para mamãe enquanto ela guardava a mesa (conseguida a muito custo) com meu tio Jorge, irmão do meu pai, e minha prima Madu.

— Oi! Desculpa — eu disse, saindo do devaneio.

— Tá tudo bem? — perguntou, preocupado, apesar do olhar feio que o atendente da barraca lançava para nós. Havia uma fila crescente atrás do meu pai, e as pessoas pareciam estar começando a ficar impacientes. — Você parece que anda no mundo da lua ultimamente.

— Foi mal, eu tava só pensando no concurso de cosplay. — Fiz um gesto com a mão para que deixasse para lá, como se não fosse importante. — Eu vou querer chocolate belga com baunilha — falei, mudando de assunto enquanto me virava para o atendente.

Meu pai pegou a carteira para pagar — ele já devia ter feito os outros pedidos enquanto eu estava viajando, pensando em Ayla — e voltou ao assunto.

— Já falei que você devia tentar a fantasia de Arlamian, o rei dos elfos. É a sua melhor interpretação — elogiou, com um sorriso animado no rosto moreno. Minha família paterna tinha origem indígena, então meu pai tinha olhinhos puxados e cabelos pretos e grossos que mantinha quase rente, além da pele acobreada. Eu era uma boa mistura dos genes do meu pai e da minha mãe, mas a pele, os olhos e a cor dos cabelos vinham dele. Da minha mãe, eu tinha herdado os fios cacheados e cheios, a estatura mediana e o corpo pouco curvilíneo, exceto pelos quadris largos.

— Mas a roupa dele é a mais difícil de fazer e conseguir os acessórios. São muitos detalhes. — Eu já tinha repassado aquela ideia várias e várias vezes na cabeça. Leo inclusive concordava com meu pai. Como vídeos eram liberados no concurso, ele tinha certeza de que minha interpretação de rei dos elfos sairia vitoriosa.

— Mas se fosse para ser fácil, não seria um concurso, não é? — comentou, enquanto passávamos para o lado, esperando os sorvetes. — Se você fizer algo mais complexo, tem mais chances de ganhar.

— Eu sei — concordei, desanimada enquanto recebíamos os pedidos.

— Filha, eu tenho certeza de que você vai conseguir. — Ele passou o braço pelo meu ombro e me puxou em direção à mesa. — Minha menininha é muito capaz. E vai mostrar a eles que faz o melhor cosplay do país.

— Apoiado! — exclamou tio Jorge, que só tinha ouvido a última parte, fazendo todo mundo rir. Até eu abri um meio sorriso, me rendendo.

Ao lado dele, estava minha priminha de dois anos. Ela estendeu os bracinhos gorduchos para o pote que meu pai entregava a tio Jorge, rindo alegre enquanto o pai dela começava a dar o sorvete em sua boca.

Em seguida, eu e meu pai nos sentamos ao lado de mamãe, de frente para eles.

— Jorge, você tem falado com a Ivanilde? — perguntou meu pai, dando uma colherada no sorvete. Ivanilde era a prima deles mais afastada da família, porque morava com a minha avó em Brasília, junto às duas filhas, Maria Isabel e Paola. — Ela anda sumida...

— A Paola falou que não tá bem de saúde, teve um treco depois que a Bel apareceu em casa com uma garota.

Me senti enrijecer e ergui a cabeça bruscamente.

— Quê? — soltei sem querer.

— Mentira! — exclamou minha mãe, chocada com a informação, levando a mão à boca para esconder a surpresa.

Meu coração batia acelerado enquanto os três fofocavam.

— Pois é, sua prima Maria Isabel contou pra família que é sapatão, e a Ivanilde quase morreu do coração quando soube, foi pro hospital e tudo. — Tio Jorge balançou a cabeça em reprovação.

— Não sei por que a surpresa, tava na cara que aquela ali jogava no outro time.

Eu olhei para minha prima, que agora segurava o pote em suas mãos e estava focada em tomar seu sorvete, completamente alheia às barbaridades que os adultos à mesa falavam.

— Bom, sabendo ou não, a Ivanilde deu uma sumida porque está morrendo de vergonha de contar pra família — comentou tio Jorge.

— Coitada, não sei o que faria no lugar dela — minha mãe disse, me fazendo encolher ainda mais.

Meu Deus, eu queria morrer.

Também queria falar alguma coisa, qualquer coisa, mandar todo mundo calar a boca, aqueles hipócritas preconceituosos, mas nenhum som saía de mim.

— O Fred deve ter ficado revoltado também.

Meu tio assentiu.

— Expulsou a menina de casa e tudo.

— Ah, gente, mas também não é pra tanto — minha mãe tentou amenizar. — Afinal, é a filha deles. Se ela gosta de meninos ou não, isso não muda o caráter dela.

Meu tio apertou os lábios, revoltado.

— Pra mim isso é falta de uma surra.

— Aí já acho exagero, Jorge. Concordo com a Marta que isso não muda nada. Só é um pouco difícil aceitar. A gente quando tem filhos planeja todo um futuro, pensa nos netos que vão nos dar. Uma notícia

dessa dá uma balançada, mas não é o fim do mundo. — Como se não bastasse, ele se virou para mim e deu um tapinha na minha mão, apoiada sobre a mesa. — A Raíssa aqui pode ser o que ela quiser. Mas acho que desse mal a gente não sofre. Não é não, filhota?

Ele me cutucou, fazendo graça. Mas eu não consegui sorrir.

Na verdade, eu tive que me esforçar para não chorar.

**Ayla Mihara** • online



4 de maio



Ayla Mihara, 18:12

Oiii, tá por aí?

Sabe o que eu acabei de me tocar?

A gente tá se falando tem uns dias, mas não trocamos mais nenhum contato, né?

Preciso saber se vc é real mesmo hahaha

5 de maio



Ayla Mihara, 15:43

Será que eu devo me preocupar com o seu sumiço?

6 de maio



Ayla Mihara, 10:43

Ou considerar isso como um “não, não sou real”?

via Skype ▾



Ayla Mihara • online



Ayla Mihara, 14:46

Tem um Leonardo Lopes no Facebook que parece com a sua foto de perfil aqui do Skype

Será que se eu adicionar ele vai vir me dizer que nunca jogou Feéricos na vida?

Leo Lopes, 20:12

Oi!!

Pro seu azar, eu sou real hahaha pode adicionar

Viajei pra casa da minha vó esse final de semana e fiquei sem computador

Tava morrendo já



Ayla Mihara, 20:30

Ahh, que susto, tava ficando preocupada

Adicionei

Leo Lopes, 20:32

Beleza, vou mandar meu número por inbox

via Skype ▾



# 8

## AYLA

— Ei, vamos ver alguma coisa daqui a pouco? — perguntou o Leo, quebrando o silêncio de repente.

Eu estava atacando um demônio alado da floresta com minha gnoma de cabelo rosa e expressão feroz. Podia ouvir os cliques enlouquecidos do Leo do outro lado da linha também. Já fazia umas duas horas que estávamos jogando, mas tinha vezes que só ficávamos ali, juntos na ligação, ouvindo a respiração um do outro e os barulhos que nos cercavam.

Era estranho porque eu conseguia me ver ali do lado dele. Imaginava a cama de casal bagunçada, o quarto todo branco, bem minimalista, apesar dos pôsteres de animes e super-heróis nas paredes. Já tinha pedido para ele me mostrar o quarto várias vezes para que eu pudesse memorizar a imagem. Mas tinha coisas que nenhum vídeo poderia me mostrar. O cheiro do amaciante que a mãe dele usava na roupa de cama. A sensação dos pelos do Gandalf enquanto ele andava de um lado para o outro, tentando encontrar uma posição para dormir. Ficar agarradinha com Leo vendo filme. O ronco dele, quando adormecesse sem querer. Algo que ele nunca admitiria, mas que eu já tinha escutado durante uma de nossas ligações em que ele apagou comigo na linha.

Essas coisas eu só podia imaginar.

Às vezes quase conseguia. Às vezes parecia que eu estava mesmo lá.

Às vezes parecia que havia um oceano inteiro entre nós.

— Eu vi umas resenhas de *Cinco centímetros por segundo*, fiquei morrendo de vontade de assistir — ele continuou.

A gente tinha essa mania de assistir filmes juntos de vez em quando. Dávamos play no mesmo instante e comentávamos as passagens e ríamos juntos e era quase como se estivéssemos um do lado do outro.

Quase.

— Ai, queria, mas combinei com a minha tia de a gente ir atrás de coisas pra fantasia.

Sayuri conhecia todos os lugares legais da cidade, e tinha ficado muito empolgada em me ajudar a montar o cosplay.

— Ah, legal. Você decidiu se vai de Branwee mesmo?

Branwee era a fada da beleza. Ela usava seu charme para conseguir tudo o que queria e era uma das minhas personagens preferidas.

— Vou sim! Até fisicamente ela parece comigo, então vai ajudar.

— Você tá se comparando com a fada mais bonita de Feéricos? Meu Deus, você é muito convencida.

— Não! Não foi isso que eu quis dizer, eu... — Mas Leo me interrompeu com uma gargalhada. Ele estava me provocando.

Parei um segundo para apreciar sua risada. Sua voz era tão suave, quase feminina, como se ainda não tivesse encorpado. E a risada era do mesmo jeito. Leve. Tranquila. A risada de quem não tinha nenhuma preocupação no mundo.

— Acho que você vai ficar perfeita de Branwee — completou, com o tom mais sério agora.

Eu corei.